

Alan Pauls

Tradução de JOSELY VIANNA BAPTISTA

COSACNAIFY

O PASSADO

Já faz tempo que me acostumei a estar morta.

JENSEN, *Grádiva*





Rímíni estava no chuveiro quando o interfone tocou. Saiu coberto com uma toalhinha de mão – a única que conseguiu achar naquele bazar de perfumes, toucas, cremes, sais, óleos, remédios e massagedores em que Vera transformara o banheiro –, e um rastilho de gotas obedientes o seguiu até a cozinha. “Correio”, ouviu alguém dizer entre dois rugidos de ônibus. Rímíni pediu que lhe passassem a carta por debaixo da porta, e de repente, como se a sombra de um intruso o flagrasse num quarto que pensava estar deserto, viu-se nu, tremendo, no vidro de uma porta que um golpe de vento acabara de abrir. A clássica estampa da contrariedade: trivial, eficaz, excessivamente deliberada. As volutas de vapor que vinham fluando do banheiro – deixara a água correndo, com a idéia de que assim abreviaria a interrupção – provocaram-lhe algo parecido com uma náusea. “Precisa assinar”, gritaram pelo interfone. Rímíni, bufando, apertou a tecla e abriu, vendo, impávido, como a paisagem de sua felicidade trincava-se por inteiro.

A manhã em casa, a felicidade do raio de sol que estivera acariciando seu rosto enquanto tomava banho, essa disponibilidade nova, como de um primeiro dia de viagem, que sentia quando acordava e descobria estar sozinho, seus primeiros movimentos, desajeitados e jovens, fazendo ranger o silêncio de toda uma noite, a beligerância vital, um pouco ingênua, que as longas horas de amor com Vera costumavam deixar-lhe – tudo desmoronava. Se bem que, talvez... Rímíni ocultou a orelha na palma da mão e ficou imóvel por alguns segundos, um pouco encurvado sobre a bancada, como se tentasse ficar invisível. Mas o interfone soou novamente, e quase sem ruído, como num filme de cinema mudo,

PRIMEIRA

os últimos vidros de sua euforia matinal terminaram de se estilhaçar. Rímíni, que detestava antes de tudo o modo como o mundo, por vezes, punha-se a decalcar suas contrariedades particulares, desta vez não se sentiu plagiado. Estava em perigo. Já não era vítima de uma glosa, e sim de um complô. Resignou-se, porém, e atendeu de novo, e enquanto fitava seus pés – uns pés de gigante, ao redor dos quais cresciam dois minúsculos oceanos humanos – conseguiu ouvir o que desde o início temia: a porta da rua estava fechada à chave.

Quando chegou ao térreo, depois de vencer às pressas os três intermináveis andares que amaldiçoava todos os dias (“Legal: *ódio* elevadores!”), Vera exclamara no dia em que viram o apartamento pela primeira vez, enquanto admirava a espiral escura da escada), Rímíni abriu a porta, olhou para todos os lados e não viu ninguém. Sentiu tanta raiva que achou que não ia agüentar. Era possível uma coisa dessa? Uma velha jardineira cruzou sua frente em câmera lenta, povoada de braços bronzeados que transbordavam das janelas. Soou uma buzina interminável. “Beleza!”, gritou-lhe uma voz brincalhona, emergindo entre a penca de braços. Rímíni olhou de novo para os pés (a sandália esquerda no direito, a direita no esquerdo: o típico roque de xadrez matutino), a toalha cor-de-rosa, como de gladiador romano, cobrindo-lhe até o meio das coxas, o impermeável que se umedecia em seus ombros – mas fingiu que não era com ele. Estava prestes a entrar de volta quando um rosto sorridente brotou da banca ao lado e o freou. Era um rapaz bem jovem, magro como um faquir; tinha aquela magreza fibrosa, cheia de veias salientes, que o rock roubara a Egon Schiele. Mas não era alto, e também não usava uniforme. “Rímíni?”, perguntou, hasteando um envelope no ar. Rímíni ia corrigi-lo, mas preferiu tomar um atalho: “Onde é que eu assino?”. O outro lhe estendeu a carta e uma planilha amassada, cheia de casas retangulares onde floresciam assinaturas e números de documentos. Rímíni esperou: uma esferográfica, um lápis, qualquer coisa. Mas o carteiro limitou-se a olhar para as unhas de seus pés, que fulguravam ao sol, e a produzir, com um canudinho mordido, estranhas bolhas sonoras no fundo vazio de uma lata. “Tem alguma coisa aí que escreva?”, disse Rímíni. “Sabe que não? Que tonto, né?”, respondeu o outro, como se essa simples declaração de espanto o absolvesse de sua imbecilidade.

Dez minutos mais tarde, no auge do mau humor (Rímíni pediu uma caneta emprestada na banca, o jornalista só consentiu em vendê-la, Rímíni

– cujo traje de emergência não incluía carteira – prometeu pagá-la depois e reclamou a carta, o carteiro-faquir a reteve como se ela fosse um refém, obrigando-o, para obtê-la, a comprar-lhe uma rifa de Natal, Rímimi argumentou que não tinha dinheiro à mão, o carteiro – piscando o olho cúmplice para a banca – sugeriu-lhe usar o crédito com que acabara de comprar a caneta), Rímimi se jogou no sofá e pela primeira vez olhou a carta. Sentiu um alívio profundo, como se o pequeno envelope retangular, agora em primeiro plano, fosse o único talismã capaz de esconjurar a manhã de pesadelo.

A forma chamou menos sua atenção do que o papel – envernizado, suntuoso como a seda – e a cor, um azul-celeste anêmico que algum tempo antes, quando comprado, devia ter sido cor-de-lavanda. Como se observasse um protocolo obrigatório para os que recebem cartas fora de moda, Rímimi levou o envelope ao nariz. O perfume (um misto de gasolina, nicotina e chiclete de morango ou cereja) combinava menos com o papel e a cor do envelope do que com os dedos do carteiro, que deixara parte de suas impressões digitais gravadas num dos lados. Não havia remetente; a caligrafia tampouco lhe dizia grande coisa. O endereço de Rímimi estava escrito em letras de fôrma, maiúsculas, impessoais demais para serem espontâneas (*não foram ditadas pelo coração, mas pela astúcia*, pensou, subitamente perdido entre as páginas de um romance libertino): nada, também, que o acaso ou uma escassa familiaridade com a prática de escrever cartas pudessem explicar. Estranhou o modo como tinham sido encurraladas num ângulo do envelope, como se o autor da carta tivesse reservado o espaço principal para algo que nunca chegou a lhe ocorrer ou que desistiu de escrever. *Aí tem coisa*, pensou, e lhe ocorreu que talvez a destruição de sua felicidade matinal não fosse totalmente gratuita. Olhou os selos do correio, leu “Londres”. Multiplicado por três, um rosto sob uma peruca, insolente e consumido, contemplava-o das estampas. Decifrou, a duras penas, a data da postagem, cujos números desenhavam um bigode ralo num dos rostos. Calculou um mês e meio. Numa fração de segundo, Rímimi imaginou as peripécias de um itinerário tortuoso, atravancado por greves, carteiros bêbados, caixas postais equivocadas. Pareceu-lhe que um mês e meio de viagem era tempo demais para uma carta dirigida a alguém que não tinha o costume de recebê-las.

Rímimi, na verdade, nem sequer sabia abri-las. Quis rasgar um dos cantos do envelope; algo ofereceu resistência. Rasgou-o com os dentes, com uma fúria

canina, e ao cuspir um pedacinho de papel descobriu que mutilara, também, uma parte do conteúdo. Era uma foto colorida: no centro, exposta numa vitrine, havia uma rosa vermelha pousada num modesto pedestal preto; um pouco abaixo, em letras pequenas, mas legíveis, uma placa branca dizia: “In memoriam Jeremy Riltse, 1917-1995”. Uma rajada escura o sacudiu: umidade, pó, essas alquimias rançosas que de repente começam a se filtrar pela fresta de uma porta. Um pouco de sua inocência desmoronou. Quando virou a foto, Rímíni, apresentando o que encontraria, era menos jovem do que dez segundos antes.

Tinta azul-escura permanente, letra microscópica, penteada para a direita. E a antiga compulsão de abrir parênteses por qualquer motivo. Leu: “Em Londres (como há seis anos), mas agora a janela do apartamento (alugado de uma mulher chinesa com um curativo num olho) dá para um pátio sem flores onde alguns cães (acho que sempre os mesmos) rasgam todas as noites os sacos de lixo e se pegam por alguns ossos tristes. (Você devia ver a paisagem com a qual acordo todas as manhãs.) Há duas noites um sonho longo e doce me tirou o sono: não me lembro muito dele, mas você estava lá, ansioso, como sempre, por alguma coisa que não tinha a menor importância. Exatamente enquanto eu sonhava (soube disso mais tarde), J.R. se matava. As coisas passam; passam por predestinação, sem que ninguém as arrebate. Pode fazer o que quiser com isto. (Estou mudada, Rímíni, tão mudada que você não me reconheceria.) Este papel parece feito especialmente para você: tudo o que se escreve nele pode ser apagado com o dedo, sem deixar marcas. Pode ser, mesmo, que estas linhas já tenham desaparecido quando você as recebeu. Mas nem J.R. nem a foto são culpados de nada. Se estivesse no meu lugar (e estava: meu sonho jura que estava), você também a teria tirado. A única diferença é que eu me atrevo a mandá-la. Espero que a jovem Vera não sinta ciúme de um pobre pintor morto. Espero que você saiba ser feliz. S.”.

Rímíni virou a foto e examinou-a novamente. Reconheceu o museu, e depois, na borda direita, fora do alcance do flash, a sombra de um quadro de Riltse que não notara antes. Agora a vitrine parecia meio nublada por uma sobreimpressão. Aproximou a foto dos olhos e viu, refletidos no vidro que protegia a rosa, o clarão branco, a pequena câmera automática e, por fim, deslumbrante como uma coroa de luz, o grande halo loiro dos cabelos de Sofia.

2

O que o surpreendia tanto? A última coisa que soubera dela, há cerca de seis meses, um ano e meio depois da separação, também lhe viera numa mensagem escrita. Não foi uma carta, nem mesmo uma folha de papel, mas a metade – cortada à mão, com aquela pequena sobra na parte superior que um rasgo negligente ou raivoso costuma deixar sobre a linha traçada com a unha do polegar – de uma folha amarela em cujo pé, órfão de timbre, sobrevivia um endereço do bairro de Belgrano.

Rímíni fazia aniversário. Decidira, novamente, não comemorar, ou limitar a comemoração ao prazer solitário de ir listando num bloco os nomes dos amigos que ao longo do dia deixavam-lhe os parabéns na secretária eletrônica. Mas Vera, que interpretava sua reticência como um modo viril de coquetismo (e Vera estava certa), roubou-lhe, num descuido, sua lista de firmes lealdades telefônicas, contou-as e reservou uma mesa para doze num restaurante do centro. (Apenas dez anos separavam a franqueza dela da histeria dele: Rímíni nascera com a Revolução Cubana; Vera, com o primeiro pouso na Lua.) Víctor foi o primeiro a chegar; Rímíni o viu entrar, varrer o restaurante com um olhar apressado e atravessar o salão deserto com o torso excessivamente inclinado para a frente, num equilíbrio instável que Rímíni atribuía ao tamanho de seus pés, desproporcionalmente pequenos, e deduziu que também seria o primeiro a ir embora. Sentou-se a seu lado, ofegante, e não o cumprimentou. Estava afobado por algum motivo. “E Vera?”, perguntou em voz baixa. Rímíni apontou para o balcão, onde Vera, esfregando a panturrilha com o peito do pé, passava a limpo o menu da noite com o *maître*. “Cruzei com Sofia esta tarde”, disse Víctor. Rímíni sentiu, de repente, uma pressão nas costelas, como se estivesse sendo assaltado, e baixou os olhos. A mão de Víctor se abriu: uma flor delicada, carnívora, de pétalas longas e pontas esmaltadas. Rímíni viu sobre

a palma um pedaço de papel que se espreguiçava após um momento de cativo, e depois de dar uma olhada para o balcão (Vera já se encaminhava para eles), num rápido passe de mágica o fez desaparecer. “Desculpe”, sussurrou Víctor, já aliviado, enquanto se levantava para cumprimentar Vera, “mas assim que ela soube que eu ia vê-lo não houve jeito de detê-la.”

Rímini só se lembrou dessa bomba-relógio secreta três horas mais tarde, no banheiro, quando tentava dissipar um enjôo olhando-se fixamente no espelho, e procurava uma moeda para a máquina automática de sabonete líquido. Tocou, com as pontas dos dedos, as chaves, a tampa da esferográfica que, nesse exato momento, acéfala, manchava um dos bolsos de seu paletó, um bilhete de metrô com a borda sulcada e, por fim, o fio do papel. Esse simples contato o deixou em sobressalto; teve a impressão de que se o abrisse desencadearia uma cascata de catástrofes. Mas era agora ou nunca. Abriu a mensagem e leu-a diante do espelho, apoiando-se e afastando-se da borda da pia, sob a luz que começara a piscar: “Maldito. Feliz aniversário. Como é possível que você continue fazendo anos sem mim? Hoje acordei cedo, muito cedo (não tenho certeza, na verdade, de ter dormido), e logo que fui para a rua (o casaco em cima da camisola, meias de lã, tênis) descobri o porquê. Outro 14 de maio! Comprei uma coisa para você (não pude evitar, juro). É uma besteirinha, está aqui comigo. Não vou dá-la ao Víctor porque tenho vergonha (e você sabe muito bem que não quero comprometê-lo diante de minha sucessora), mas assim que ele for embora (trate-o bem, cuide para que a jovem Vera o trate bem, lembre-o de tomar os remédios) vou me arrepender, na certa, só que aí será tarde. Se quiser, me ligue. Estou sempre no mesmo lugar. S. (Não tenha medo: esta mensagem se autodestrói em quinze segundos.)”.

Empurraram a porta. Rímini sentiu um golpe nas costas e, pensando ter sido descoberto, abriu a torneira para disfarçar. O papel escapuliu de seus dedos e aterrissou no fundo da pia, onde foi batizado por três tímidos filetes de água. “Miserável”, ouviu uma voz conhecida dizer. Rímini virou-se um pouco, enquanto a letra de Sofia se desfazia sob a água em volutas de tinta pálida. Era Sergio, um de seus convidados. “Você mandou todas sozinho.” Rímini sorriu: “Tenho direito, não? Era um presente de aniversário”.